O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2013 - ANO XVI - Nº 201

EDITORIAL

A fragilidade da memória nos leva, muitas vezes, a esquecer datas, fatos e pessoas importantes sem as quais não teríamos avançado como comunidade.

Rememorando, neste mês de outubro, O ESTAFETA une-se à comunidade católica de Piquete para comemorar os 125 anos da criação da Paróquia de São Miguel. Segundo o Direito Canônico, paróquia é definida como a comunidade de fiéis submetida ao pároco, ou o território sobre o qual se estende a jurisdição do pároco. Cabe a ele a direção da Igreja – comunidade convocada pela Palavra –, que tem como uma de suas principais tarefas a pregação do Evangelho, ou seja, anunciar com alegria o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino e o ministério de Cristo. Essa missão deve ser executada diariamente por toda a comunidade católica.

A paróquia tem, ainda, a missão de celebrar a liturgia, de fomentar a promoção humana, de fazer progredir a inculturação da fé nas famílias, nos grupos e movimentos apostólicos e, através deles, em toda a comunidade.

Numa sociedade consumista, em que ter se tornou mais importante do que ser, a evangelização e o fortalecimento de valores cristãos são cada vez mais necessários. Não podemos esquecer que a Igreja deve se empenhar na defesa da vida e das criaturas de Deus. Para tanto, precisa-se de uma nova catequese, e é nas paróquias que essa mudança precisa acontecer e se expandir. Apesar dos novos tempos e do progresso da sociedade, de mudanças comportamentais, o núcleo paroquial da matriz, com o pároco em sua centralidade, continua.

A importância da paróquia é cada vez maior, como pode ser aferida nas palavras do papa Bento XVI, que, em uma de suas homilias, em dezembro de 2006, elogiou sua função. Considerou-a um farol, sobretudo nesse contexto social secularizado: "A paróquia é um farol que propaga a luz da fé e se aproxima dos desejos mais profundos do homem, dando esperanças à vida das pessoas e às famílias". Naquela ocasião, Bento XVI desejou que todos os bairros que ainda não tivessem uma paróquia pudessem tê-las o mais rapidamente possível. Hoje, com o papa Francisco, observamos que a Igreja Católica toma novos rumos. Nesse novo contexto, a participação das paróquias deverá ser ainda maior.

Foto Arquivo Pró-Memória

Em 7 de outubro a Paróquia de São Miguel completou 125 anos. A Antiga Matriz de São Miguel, símbolo máximo da religiosidade e do trabalho comunitário de nossa cidade, é aglutinadora dos anseios e referência para a comunidade católica piquetense.

Franciscos: renovação e mudanças

No calendário católico, o dia 4 de outubro é consagrado a São Francisco de Assis, um dos santos mais populares da Igreja Católica. Depois de uma juventude irrequieta e mundana, Francisco voltou-se para a vida religiosa de completa pobreza, fundando a ordem mendicante dos Frades Menores, mais conhecida como Franciscanos, que renovou o catolicismo de seu tempo. Imitando a vida de Cristo, desenvolveu profunda identificação com os problemas de seus semelhantes e com a humanidade do próprio Cristo. Sua atitude foi original também quando afirmou a bondade e a maravilha da criação. São Francisco dedicou-se aos mais pobres dos pobres e amou a todas as criaturas chamando-as de "irmãos". Por seu apreço à natureza é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente.

Num mundo cada vez mais competitivo, em que valores básicos como respeito, ética e solidariedade são colocados num segundo plano e a corrupção cresce assustadoramente concorrendo para uma desigualdade social cada vez maior, o pensamento de Francisco é atual e se faz necessário. Precisa-se, urgentemente, de uma nova civilização que busque se libertar desses valores anticristãos que silenciam a vida plena. Torna-se necessária a participação de todos nesse desafio maior de construir uma nova realidade, abrindo as fronteiras para o advento do reino. Para isso, torna-se imprescindível avaliar o passado, refletir o presente e ouvir o apelo dos novos desafios para estes novos tempo.

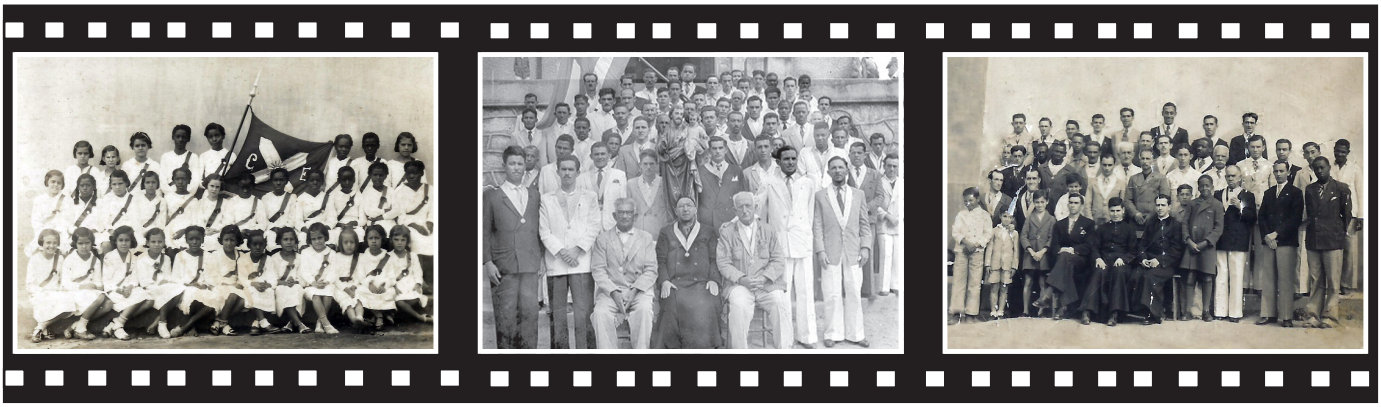
É preciso repensar as mudanças de que o mundo necessita: compreender o ser humano como um projeto infinito, como a própria Terra, cuidar da Terra – a Grande Mãe, a Pachiamama, a Gaia. A humanidade é chamada a reviver a piedade cósmica e a confraternização universal com todas as criaturas, com todos os povos da Terra, de acordo com os ensinamentos de Clara e Francisco de Assis. A concretização do sonho de uma nova civilização exige mudanças fundamentais. Para que essas mudanças tão necessárias e desejadas ocorram, é preciso a adesão das Igrejas, das comunidades, das famílias... Enfim, a adesão do Homem.

No último dia 4 de outubro, o papa Francisco visitou a cidade de Assis, na Itália, para celebrar a memória de São Francisco, o "poverello", cujo nome adotou para conduzir a Igreja de Pedro. Desde o início de seu pontificado, o papa identificou-se profundamente com a figura de Francisco, declarando, por diversas vezes, querer "uma igreja pobre, para os pobres".

Renovar a Igreja de Cristo significa redescobrir a mística e a espiritualidade de Francisco de Assis.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



A criação da Paróquia de São Miguel do Piquete

O homem, ser eminentemente social, tem, inerente, a tendência de se agrupar, de se unir a seus semelhantes, não apenas para alcançar os fins que busca e deseja, mas também para satisfazer suas necessidades materiais e culturais. A vida do homem decorre em convivência; os indivíduos, em todas as etapas de suas vidas, do nascimento à morte, mantêm, entre si, mútuas e constantes relações de colaboração e dependência. Dessa forma, pode-se considerar que a vida em sociedade é o modo natural de existência da espécie humana.

Para atender à satisfação de seus anseios e necessidades, a todo instante, os homens unem-se, relacionam-se por meio de vínculos dos mais variados: econômicos, políticos, culturais, familiares, religiosos etc. Esses vínculos não estão dissociados; ao contrário, se interagem. Através dos tempos, a religiosidade levou os homens a se reunirem para rememorar e celebrar seus cultos. Desde os primórdios de nossa colonização, igrejas e capelas foram o centro aglutinador de nossa sociedade, locais em que as aspirações e ideias sociais puderam ser ventiladas, debatidas e concretizadas. No antigo bairro lorenense do Piquete não foi diferente. Em 1864, seus poucos moradores se reuniram e, por meio de uma petição, pleitearam e conseguiram junto ao bispo de São Paulo, D. Sebastião Pinto do Rego, autorização para construír uma capela sob a invocação de São Miguel. Com a capela sendo erguida, lideranças políticas locais, atendendo aos anseios da população, apresentaram projeto de lei junto à Assembleia Legislativa da Província de São Paulo, em 1872, propondo a elevação do bairro do Piquete à condição de freguesia, fato que só veio ocorrer em março de 1875, após inúmeros embates políticos. No entanto, devido à carência de padres na diocese paulista, somente em 7 de outubro de 1888, por portaria de Dom Luiz Deodato de Carvalho, bispo de São Paulo, é que foi criada a Paróquia de São Miguel e indicado para seu pároco o padre Francisco Filippo. Esse italiano assumiu a paróquia de São Miguel em 1º de novembro de 1888. Infelizmente, por motivos vários, esse padre permaneceu por pouco tempo à frente da paróquia de Piquete, indo paroquiar a igreja de Santo Antônio, na cidade de Machado, MG, em abril de 1890. No curto espaço de tempo em Piquete, padre Filippo trabalhou com afinco: casamentos e batizados, além de um trabalho de evangelização Levou consigo saudades, conforme registrou no livro do Tombo da Paróquia.

Por 44 anos, a Paróquia de São Miguel ficou sem um padre residente. Periodicamente, vinha um padre que celebrava e ia embora. No entanto, homens e mulheres de valor, à frente de trabalhos de evangelização, mantiveram viva a devoção a São Miguel, padroeiro de Piquete, e o trabalho de catequese. O que sustentou a vida da Matriz foram os movimentos eclesiais, com reza do terço, ladainhas e outras devoções. Essa religiosidade, fruto do seu tempo, manteve a fé acesa. O espírito da tradição garantiu a continuidade, passando os rituais de pais para filhos. Em 1934, chegava para residir e paroquiar a Matriz de São Miguel o padre João Marcondes Guimarães. A paróquia ganhava vida nova. Jovem e dinâmico, sempre presente na vida dos moradores, conseguiu em curto espaço de tempo atrair grande número de fiéis. Trabalho que teve continuidade com seus sucessores. A vida pastoral girava em torno da sede paroquial, que concentrava todas as atividades. Os tempos passaram. A estrutura paroquial passou por várias crises e várias investidas de renovação. Alguma coisa se adaptou, mas, em essência, nada mudou. A sociedade progrediu, as culturas se alteraram...

****

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Marisinha

No final da década de 1950, o major Lessa Bastos e a professora Nely Quadrado criaram o ARTE (Grupo de Artistas do Teatro Experimental), no qual despontou uma leva de artistas piquetenses que surpreendeu o público e a crítica teatral com a qualidade das interpretações e das peças montadas...

Maria Apparecida Alves Peixoto atuou em algumas delas. Em "Comédia do Coração", de Paulo Gonçalves, interpretou a "Alegria", papel que tinha tudo a ver com sua personalidade. Foi um sucesso...

Foi com essa mesma alegria que Marisinha, como é conhecida, deu um depoimento sobre sua vida: filha de Mário Alves e Cândida de Figueiredo Alves, Marisinha nasceu em Piquete. Diz ser de paz por ter nascido em 2/10/1932, data histórica da assinatura, em Cruzeiro/SP, do armistício que pôs fim à Revolução Constitucionalista. Conta que a cidade havia sido evacuada com o avanço das tropas federais. O pai foi obrigado a ir para São Paulo, com outros operários da Fábrica, e a mãe permaneceu em Piquete devido ao avançado estado da gravidez.

Marisinha cresceu junto ao largo da Cadeia, onde a família residia. De sua infância, recorda-se dos vizinhos Benedito Laurindo, Domingos Montano, Cabo Galhardo, José Sebastião Júnior, Ivo Mineiro, Benedito Lemes de Souza... Conta que entrou para o antigo Grupo Escolar antes da idade prevista. Frequentou por pouco tempo, pois seu Arlindo de Moura descobriu sua idade: "Fiquei muito frustrada...". Ao atingir a idade adequada, foi matriculada na escola provisória, na Vila Duque, transferindo-se depois para o Antônio João. Foi alfabetizada por Thereza de Melo. Cita, ainda, as professoras Celencina Guimarães e Palma Ferrari de Oliveira. Muito religiosa, desde os quatro anos frequentava o Catecismo paroquial. Suas catequistas foram Esther Vieira Soares e sua madrinha, Leonor Guimarães. Fez parte da Pia União das Filhas de Maria... "A diretora, vitalícia, era Dona Mariquinha Ferreira – grande liderança na Igreja", ressalta. Lembra-se dos padres Juca, João Guimarães, Oswaldo Bindão, Septímio Ramos Arantes: "Para cada um deles, eu teria uma história para contar...". Desde garota gostou de esportes: em 1944, ao se matricular na Escola Industrial Feminina da FPV, começou a praticar vôlei e basquete, sob orientação dos professores Leopoldo Marcondes e Pinni. Entre os "excelentes professores", cita com carinho Antonieta Azevedo...

Diplomou-se em 1948. Foi contratada, então, para trabalhar na secretaria da Escola Industrial, no lugar da amiga Cida Pinto.

Em 1953 matriculou-se na Escola Normal do Departamento Educacional da FPV. "Foi um período muito rico de aprendizado e amizades...". Foi colega das professores João Vieira, Eunice Gonçalves, Arthur Alves, Betinho Luz, Dulce Bittencourt, Dinah Encarnação, Mariinha Motta, Mabel Vianna, Benedito de Paula, Myrthes Mazza... Após a formatura, continuou trabalhando no Ginásio, no período noturno, e iniciou-se como professora substituta no Curso de Aplicação. Em 1960 foi lecionar, já concursada, em Mirante do Paranapanema; "Muito longe... Próximo do Mato Grosso...". Lá ficou por dois anos.

Em 1959 começou a namorar Oswaldo Peixoto, seu antigo conhecido, companheiro de teatro. Casaram-se em 13 de maio de 1961. Tiveram quatro filhos e quatro netos. Veio, então, transferida, para a escola Professor Darwin Felix. Mais dois anos e ingressou no Antônio João, onde fez longa e rica carreira no Magistério. Não se esquece dos diretores, colegas professores e funcionários... Lá aposentou-se, em 1977.

Marisinha destaca sua paixão por cantar. "Esse amor pela música vem do tempo do Orfeão do Departamento Educacional da FPV, regido pelo professor Laércio Azevedo", conta. Há muito tempo faz parte do Coral Santa Cecília. "É uma pena que esse tradicional grupo esteja acabando...".

Sempre alegre e de bem com a vida, Marisinha vive cercada da atenção dos filhos e netos e das agradáveis lembranças que guarda. Um de seus tesouros mais preservados é um caderno com dedicatórias e fotos de todos os colegas da Escola Normal... Salve a memória!

A arca de Vinícius

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Como teria sido a convivência entre os "tripulantes" da Arca de Noé? Como teriam partilhado o mesmo espaço cãezinhos e gatos? Teriam sido especiais as acomodações do elefantinho? Teriam os mais fortes seguido à frente e os mais fraquinhos, humildemente, esperado o final da fila? Curioso, não?! Pois Vinícius de Moraes conseguiu reuni-los todos, numa alegria contagiante...

Há muito sou um apaixonado pela obra de Vinícius, pela sua delicadeza, seja em prosa ou em versos, seja o Vinícius apaixonado de "*Soneto de Fidelidade*", o engajado de "*Pátria Minha*", ou o malandro de "*Balada do mangue*". No mês em que ele completaria 100 anos, intensifiquei os passeios por suas obras... Quanta coisa descobri; quanto aprendi de poesia, de amor, de paixão... Quanto de cultura, de ativismo entrelinhado... Um pouco, também, creio eu, de inquietude: um Vinícius sempre à busca da felicidade...

Somente um eterno apaixonado escreveria versos como "A felicidade é como a gota / De orvalho numa pétala de flor / Brilha tranquila / Depois de leve oscila / E cai como uma lágrima de amor (...)" ou "(...) É que eu gosto tanto dela / Que é capaz dela gostar de mim (...)". Pra mim, Vinícius veio ao mundo para ensinar... Ensinar que era possível manter a métrica do erudito em versos populares que emocionam... Ensinar que a vida é linda, que "a vida é a arte do encontro", apesar de serem tantos os desencontros ao longo da vida...

Pois, num desses encontros e desencontros, encontrei-me na Arca de Noé... Foi sonoramente doce ouvir o leão, o pato, o peru, o gato, a corujinha, a galinha d'angola, a foca e outros bichos... Todos estiveram presentes em algum momento de minha infância; hoje, adormecidos, despertaram com a mesma doçura de há mais de trinta anos... As melodias me mostraram a simplicidade que faz uma criança sorrir com a leveza de um "tô fraco" d'angola, o carinho de uma barriguinha crivada de mamiquinha, o politicamente incorreto da corujinha tão feinha... Ah... Foi bom demais...

Quisera as crianças todas se emocionassem com os bichinhos da Arca de Vinícius e seu parceiro Toquinho... Quisera os pais batessem palminhas, imitando uma foquinha, pra fazer gargalhar uma criaturinha certamente já a sorrir... Quisera São Francisco, com seu Jesuscristinho, contasse historinhas para nossas criancinhas...

Nos 100 anos de Vinícius de Moraes, ganhei um presente: doces memórias resgatadas... Seu centenário acontece em meio a promessas de uma retomada da análise de sua obras. Que sejam abertas as portas da Arca de Vinícius para nos trazer ainda mais emoções...

Para que serve a História?

O trabalho com a História tem um caráter investigativo que exige do pesquisador muita dedicação, esforço e observação, para se evitar anacronismos e generalizações apressadas.

O grande mal é o anacronismo, isto é, o não respeito para com o tempo em que um texto foi produzido, a época que o gerou e os acontecimentos que o definem ou conceituam. Muitas pessoas dedicam-se a simples cópia de documentos ou textos, seja de mídia impressa, jornais e revistas, e hoje, das consultas ao Google na internet, nos tablets, smartphones e outros instrumentos eletrônicos, julgando que fazem História e produzem conhecimento. Assim, atuam para relatar ocorrências e destacar protagonistas, apenas, e sem contexto. Mas, enganam-se a si próprias e aos outros. A História, como ciência de procura, de busca, de análise, de estudo, trabalha com evidências, aprofundamento nas bases dos subtextos, nas verossimilhanças e no substrato em que se baseia cada época em suas manifestações. É trabalho contínuo de detetive à busca de provas, ainda que a prova possa induzir a diferentes interpretações. Assim, na referência dos acontecimentos em seus locais, buscam-se documentos, relatos do imaginário popular e codificação dos conteúdos que definem o gabarito de cada caso, no espaço e no tempo.

Conceitos que nem sempre se generalizam, exigindo o tratamento de cada caso em si próprio e em relação a outros. Os denominadores comuns formam um esteio de referências para categorizar modelos ou paradigmas. Portanto, as atribuições relativas a um personagem histórico dificultam o entendimento fundamental, o que leva a distorções e ações conclusivas de pouco valor. Não é porque uma pessoa seja mais velha e possa dar um depoimento testemunhal a partir da História oral que possa ser considerada possuidora da verdade – ela poderá, apenas, estar registrando um elemento do imaginário, sem força argumentativa no registro dessa referência. Vejamos o caso da denominação de um logradouro da cidade de Piquete (SP) – a Vila Barão. A princípio, pode-se intuir que o nome se deva ao Barão da Bocaina, por suas várias intervenções na área do município piquetense na segunda metade do século XIX e início do XX. Ou, segundo outras referências, deva-se a uma pessoa denominada "Barão", homem que circulava pela área onde o bairro se formou, segundo relato, por exemplo, atribuído a "seu" Lúcio Seraphim Machado em pronunciamento dado a um entrevistador. Este, e não a professora Cláudia Pereira dos Reis, a quem solicitei a entrevista apresentada em janeiro de 2013 (Estafeta ano XV – nº 192, p.4). Quem leu a matéria que elaborei a partir desta entrevista deve ter notado como a memória de "seu" Lúcio já se encontrava fragmentada e irregular. Afinal, ele ultrapassara os 100 anos de idade e, embora lúcido, a memória se fragilizava. O que não invalida o depoimento; ao contrário, o enriquece, para dar oportunidade à busca de evidências, operosidade de historiadores. Estes, entretanto, convencidos de que não existe "verdade histórica". Existem relatos, documentos e depoimentos e outras fontes, por exemplo iconográficas, além de demais registros gráficos, digitais e eletrônicos baseados num conceito ou num interesse explícito ou não.

A informação de que o Barão da Bocaina é uma referência importante ao município de Piquete é dada por pesquisadores dedicados à História como José Luiz Pasin e Gama Rodrigues em consultas arquivistícas e cartoriais, além de bibliografia especializada. Para ilustrar, veja-se a situação em seguida.

Ler uma fotografia pode ser um instrumento importante – veja a foto estampada pelo "O Estafeta" 192, do corrente ano de 2013. O que a imagem nos mostra na folha da capa? O casario da cidade na base dos morros acompanhando os vales formadores do Ribeirão Piquete (o Sertão e o Benfica), a área de ocupação residencial avançando pela base e inícios da encosta do morro do Carioca, e neste, a devastação da mata de cobertura (provavelmente secundária), por ter sido área de cafeicultura. Pois bem. Estão aí diferentes tempos a serem estudados para a história da instalação e evolução urbanas. Daí, muitas questões podem ser levantadas. Precisamos, urgentemente, de um planejamento urbano e de ações municipais para um tempo decorrido e já perdido. Para ser recuperado. Exige-se, então, o diagnóstico das perdas e danos. Somente assim, um projeto pertinente poderá ser desenvolvido. E aqui o imaginário, as narrativas orais e os trabalhos científicos devem ser desenvolvidos. Trabalho para a Secretaria do Meio Ambiente do município e o empenho dos munícipes na colaboração.

Ao mesmo tempo, também um projeto de observação pela Secretaria da Educação, voltado ao meio urbano, para registrar mudanças nas ruas ou bairros, que os alunos podem levantar em perguntas para os membros mais velhos da família. Os alunos estariam aprendendo a pesquisar e não aceitar tacitamente ideias consagradas pelos relatos tradicionais. Para aprender a contextualizar.

Para sugerir aos órgãos municipais a pesquisa dos problemas da urgente necessidade de um planejamento sério e exequível, isto é, possível de ser realizado e recuperadas as situações ameaçadas pela degradação. Para ter o futuro garantido no presente.

Dóli de Castro Ferreira

A história oral

Capítulo à parte merece a história oral, aquela que é contada com afetividade.

A que é dosada de nossas opiniões, que reflete nosso imaginário. Que enriquece o nosso cotidiano por intermediar as pessoas, dar-lhes assunto para a conversa dos encontros casuais, ou os combinados, das datas comemorativas.

Conversas das esquinas, das portas domésticas ou comerciais, ou das praças das igrejas após os ofícios das regras. Ou ainda, "do pé do fogo" a lembrar as velhas cozinhas onde, no fazer vagaroso da comida diária ou dos antigos tachos de doces a apurar os gostos, desfilava um mundo de acontecimentos carregados de atribuições.

A história oral é um jogo de memória, fragmentária e tecida de opiniões para fixar costumes. Por isso, invocada por gerações que se formam nas referências familiares. São, portanto, documentais de épocas. Registros nominados ou de anônimos trazidos à baila para enriquecer relatos.

Fundamentam modos de pensar, costumes e o que se vulgariza chamar senso comum.

As crônicas memorialísticas, de que é mestre Wanderley Gomes Sardinha, registrando-as em várias obras, são uma espécie de cofres de relíquias para dar registros consagrados em publicação. Assim como são, também, as de Palmyro Masiero, tão saborosas quanto as de Edival da Silva Castro, e mais as entrevistas que nós publicamos no O Estafeta, seja pela "Gente da Cidade" ou no "Memorial dos Moradores de Piquete". Nossos redatores revelam argumentos e narrativas que ouvem, e fazem dessa pesquisa recorrências valiosas para a história da cidade intermediada pela dinâmica de seu povo. As que os historiadores de ofício podem trabalhar, desvendando, nas entrelinhas, o não dito iluminador. E para, numa ação científica, explorar os conteúdos na busca de sentidos e comprovações explicativas.

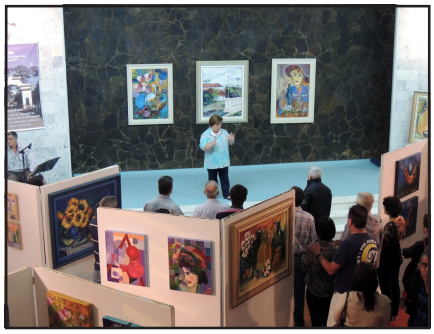
Dóli de Castro Ferreira

Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

"O ESTAFETA"

www.issuu.com/oestafeta

Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Exposição de artes plásticas "Se esta rua fosse minha..."

A Fundação Christiano Rosa (FCR) promoveu, no dia 12 de outubro, a exposição "*Se esta rua fosse minha*", com trabalhos da artista plástica Anacyr Araújo.

O Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa" ficou cheio de amigos que puderam ver ou rever muitas das obras dessa talentosa artista que morou por quase 17 anos em Piquete. Além dos amigos, estiveram presentes os familiares de Anacyr – filhas, genros, netos e netas –, comandados pelo seu marido, Alfredo Araújo, amigo mais conhecido por "coronel Alfredo", ex-diretor da IMBEL.

Teca Gouvea falou em nome da Fundação Christiano Rosa discorrendo sobre a importância do casal Alfredo e Anacyr para Piquete, que adotaram como terra natal desde que aqui chegaram, em 1995, e para a FCR, do qual foram sempre importantes parceiros. Em seguida, o coronel Alfredo falou sobre a esposa com o carinho que lhe é característico. A companheira de 53 anos lhe faz falta, percebe-se. Com o apoio de toda a família, o coronel Alfredo vem convivendo com a distância física.

Durante o período em que ficou aberta, a exposição recebeu alunos do projeto "Adolescentes", da Secretaria da Promoção Social. Durante a visita, tiveram a oportunidade de apreciar as telas expostas, identificar os motivos piquetenses nelas trabalhados e ouvir um pouco da história da artista.

A FCR orgulha-se de homenagear essa brilhante artista plástica e brindar os amigos piquetenses com essa exposição.

Encontro de Culturas Tradicionais e Populares

A convite do Grupo de Jongo de Piquete, a FCR participou do Encontro de Culturas Populares e Tradicionais, no SESC Itaquera, em São Paulo, capital. Nos cinco dias do evento, reuniram-se detentores dos conhecimentos tradicionais e das expressões culturais de todo o país, além de artistas e lideranças comunitárias. Consideradas por muito tempo como "folclore", sem relevância frente à "verdadeira" cultura, as manifestações populares e tradicionais tiveram mais uma oportunidade de discutir a consolidação e a ampliação de seus direitos.

Rodas de conversa, feira, vivências e manifestações recriaram o ambiente das festas, que foi considerado o maior encontro presencial dos membros da Rede das Culturas Populares e Tradicionais, criada em 2006. Ampliado com a presença de outras redes e movimentos populares, o Encontro proporcionou a avaliação das políticas públicas implantadas nesse setor e discutiu e elaborou propostas de diretrizes para o fortalecimento dessas ações, integrando-se ao processo da Conferência Nacional da Cultura (CNC), que será realizada em novembro, em Brasília, e da qual a FCR participará como um dos delegados representantes da sociedade civil.

De todas as discussões de que participei depreendi que nossa cultura precisa de apoio, de atenção e, especialmente, de divulgação. Entenda-se, porém, como cultura, neste caso, manifestações indígenas, danças, culinária, artesanato etc...

Ao se avaliar as estatísticas de aplicação de recursos, fica patente que o Brasil vem, há muitos anos, privilegiando eventos, grandes shows, restaurações de prédios, salas de espetáculo etc... Isso é cultura, não há dúvidas. O que se deve avaliar, no entanto, é à forma como é estabelecida essa aplicação de recursos. Qual a abrangência desse investimento? Qual o seu retorno? Quem são os beneficiados? Estas e outras questões estão sendo discutidas nessas "Redes das Culturas Populares e Tradicionais", que vêm requerendo maior participação nas verbas disponíveis. A luta é mais que justa; afinal, de acordo com a definição sociológica, cultura é o "sistema de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracterizam uma determinada sociedade" e, sendo assim, há que se admitir que não é bem essa definição que vem recebendo maiores investimentos.

Participar do Encontro foi uma excelente oportunidade para vivenciar a riquíssima diversidade cultural brasileira. Foi um espetáculo colorido que, em vários momentos, me emocionou: a malícia baiana do Samba de Roda, a sensualidade do Carimbó, a riqueza de cores do Maracatu, a religiosidade marcante das Cheganças, a força das vozes indígenas em seus cantos, dançados com passos fortes, os enigmas do Jongo... Há muito o que se conhecer em nosso Brasil.

Ao participar de um Encontro como esse, constatei, efetivamente, o desconhecimento de muitas dessas manifestações... Acredito ser importante para nosso autoconhecimento como cidadãos, ter consciência de que somos intrinsecamente moldados por essas culturas que caracterizam a alegria, a espontaneidade de nossas regiões, as quais, reunidas, formam o Brasil e o brasileiro. Somente conhecendo essa diversidade, essas raízes, é que nos valorizaremos e teremos orgulho de nosso povo.

Como divulgadora de nossa cultura, da qual o tropeirismo é o principal expoente, mas que conta também com as ricas manifestações afro-brasileiras, a FCR torce para que sejam atendidos os anseios de todas as culturas tradicionais e populares. Será este seu posicionamento na CNC, em Brasília.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Crônicas Pitorescas

Santos em serviço...

Palmyro Masiero

A conclusão deixarei por conta de cada um... Evidente que os seguidores do determinismo terão a resposta no ato. Pura e simplesmente, deverão dizer: destino. O inverso, ou seja, os que defendem a tese do absolutismo do livre-arbítrio, partirão para a justificativa do mero acaso ou nada além de coincidência. O prato poderá ser servido a ambos.

Dias atrás, apresentaram-me um jovem dentista e, sentados lá no Dito's, batemos longo papo. Não sou diferente de ninguém: na apresentação não guardei o nome dele. Somente quando estava para sair foi que lhe perguntei, com aquela cara-de-pau característica de quem está sempre preocupado e, por isso, um tanto esquecido: "Qual mesmo a sua graça?" Ele disse... O nome espantou-me, mas não dei bandeira e somente após as despedidas comentei com o Silva – que me havia apresentado o homem – a estranheza do registrado... Muito mais por dentro, o Silva também disse ter notado a singularidade do nome, e que, pela intimidade, de leve perguntara de onde seus pais haviam tirado aquele nome para batizá-lo. Ele contou ao Silva, que me contou e, em síntese, conto a vocês...

A moça havia chegado aqui com vinte anos, vindo com a família de Santa Catarina. Mais tímida que tartaruga quando você catuca o nariz (??) dela. Encolhe-se toda. Com muito custo, fez algumas amizades, e somente depois de muita insistência das amigas decidiu ir a um baile. Foi...

O rapaz com a família migrara de uma cidadezinha do Espírito Santo. Tímido feito scargots indo para a panela... Vinte e dois anos... Cedeu à pressão de uns amigos que conquistara e foi a um baile.

O dia, o mês, o clube e o baile, o mesmo para os dois. No salão encontravam-se a jovem barriga-verde e o jovem capixaba, ambos amarrados por invisíveis cordas de acanhamento. A música corria solta, como os pares no salão. A catarinense tomando aquele chá de cadeira e o espírito-santense alguns copos de cerveja, com as pernas virgens de ritmo. De repente, um olhar dele bateu com o dela. Um... Dois... Três segundos??!! Tempo não se computa em questões de simpatia. Logo a timidez desfez os raios emanados dos dois pares de olhos. Pouco depois, novo cruzamento focal. Durou pouco mais em admiração mútua. Na terceira bela cruzada, o rapaz achou que estava na hora de entrar de cabeça. Virou o copo com cerveja para dentro e armou-se de toda coragem que andava solta no ambiente e foi tirar a moça para dançar. Vermelha como tomate passado, ela aceitou. Bailavam em silêncio quando ele, num esforço de intrepidez, perguntou a ela seu nome.

– Maria Antônia – saiu de seus lábios trêmulos.

O rapaz parecia ter levado um choque e, entre surpreso e incrédulo, arremessou:

– Jura?!

Ela confirmou. Ele desatou a corda do riso. Parou de dançar, levou-a até a sua mesa (dela) e saiu rindo histérico até sua cerveja. A coitada, se já estava vermelha, mudou para uma tonalidade cuja definição passou a ser missão impossível. Queria encolher-se em si mesma. O rapaz, mais calmo, entornava cerveja goela abaixo.

Levantou-se, então, e dirigiu-se até a mesa de Maria Antônia, que, se tivesse forças, teria corrido. Pediu licença e mil desculpas e, mesmo sem interesse dela, justificou a razão de seu riso:

– Eu me chamo Antônio Maria...

Foi a vez de ela rir... Daí para a frente o papo encontrou piso liso. Terminado o baile, ele a acompanhou até em casa. Marcaram encontro. Começaram um namoro que virou noivado e que terminou na igreja e no cartório. Segundo eles, o acontecido não passou de uma tramoia divina. Santa Catarina e o Espírito Santo encarregaram-se de colocá-los lado a lado e, quando nasceu o primeiro rebento – o dentista que me foi apresentado –, para homenagear os santos cupidos batizaram-no com o nome de Santírito.

Taí a história... O que os uniu realmente?

Prêmio Cultural Eugênia Sereno

O Instituto de Estudos Valeparaibanos – IEV, visando a estimular e valorizar, em todo o Vale do Paraíba, as ideias, atitudes e atividades que desenvolvam a cultura e concorram para a melhoria das condições de vida da população e auxiliem na sustentabilidade da região, concede anualmente prêmios culturais em diversas categorias.

Um desses prêmios é a "***Distinção Cultural Paulo Camilher Florençano***", que se destina a destacar esforços pessoais ou institucionais em favor da memória regional, quer pela guarda e preservação de bens culturais, quer pela defesa constante dos valores materiais ou imateriais da cultura valeparaibana.

Em 2013, o premiado foi o professor ***Gilberto Augusto da Silva***, o Gil do Jongo.

A Fundação Christiano Rosa, parceira constante do Jongo de Piquete, parabeniza o Mestre Gil e ratifica seu apoio a essa importante manifestação cultural.

Velhos tempos...

(2ª parte)

Edival da Silva Castro

Deixo a Praça Duque de Caxias e caminho até a Estação Ferroviária da Estrela, lugar de ótimas lembranças.

Recordo-me de que, quando ainda garoto, costumava embarcar no trem das 8h, juntamente com meus pais, com destino à cidade de Lorena, para visitar parentes. Costumei-ramente viajava à janela. A paisagem dos campos era atrativa e curiosa.

Muitas vezes embarquei no mesmo horário, acompanhado de amigos, para ir pescar no rio Paraíba do Sul.

Da plataforma da estação, visualizo a Avenida General Gomes Carneiro, local onde nasci; observo, com saudade, o prédio do Fórum, onde funcionou o hospital e a farmácia da FPV. Da janela da casa onde morava, acompanhava a chegada e a partida dos trens. Os vagões cargueiros, que chegavam transportando matérias-primas – salitre, enxofre e carvão para transformação e feitura de explosivos –, e que passavam pela estação sem precisar parar. Eram composições enormes, geralmente puxadas por duas máquinas. Quando ouvia o apito e o rilhar das rodas, corria à janela para contar o número de vagões.

À minha frente, o campo de futebol do então Esporte Clube Estrela, hoje vazio, sem gritos e mãos acenando... Já teve, porém, seus dias de alegria, com gols do saudoso centroavante Tandão...

Velhos tempos – belos dias!

A porta

Eu sou feita de madeira
Madeira, matéria morta.
Mas não há coisa no mundo
Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho
Pra passar o menininho.
Eu abro bem com cuidado
Pra passar o namorado.
Eu abro bem prazenteira
Pra passar a cozinheira.
Eu abro de supetão
Pra passar o capitão.

Só não abro pra essa gente
Que diz (a mim bem me importa...)
Que se uma pessoa é burra
É burra como uma porta.

Eu sou muito inteligente!

Eu fecho a frente da casa
Fecho a frente do quartel
Fecho tudo nesse mundo
Só vivo aberta no céu!

Vinícius de Moraes

Estopim?

A arma é o argumento dos afoitos.

Pessoas que não têm serenidade suficiente para colocar um problema em pauta, examiná-lo em todos os ângulos e submetê-lo às teorias vigentes acabam optando pelo caminho da violência.

O antídoto da violência é o conhecimento. O conhecimento leva à denúncia. A denúncia é submetida à Lei.

A Lei tem de ser justa e tempestiva em sua aplicação.

Estamos tentando assimilar os programas dos partidos políticos.

Anotando os dados fornecidos e comparando-os, concluímos que todos têm as mesmas pretensões: erradicar a miséria e a violência, criar empregos, melhorar a educação, a saúde e o transporte público. Um e outro falam em meio ambiente. Um ou outro se atreve a examinar o Brasil no contexto internacional. E os de sempre insistem na política salarial, horas trabalhadas e aposentadoria.

Nenhum diz o que o qualifica a levar adiante as suas pretensões. Nenhum mapeia as providências que vão tomar para alcançar seus objetivos.

Se os nossos jovens estão querendo aprender a fazer política partidária assistindo ao Horário Gratuito da Televisão, nenhum item seguro está anotado no seu caderninho.

A mídia faria um grande favor à juventude brasileira se discutisse a história dos partidos políticos do Brasil – principalmente sob o ponto de vista teórico.

Hoje estão em pauta o programático e o pragmático.

O programático não consegue distinguir os partidos.

O pragmático, em vez de compendiar o possível, só prometendo o que pode virar realidade, tem-se traduzido em meios de qualquer natureza para chegar ao poder.

Em 1961, quando estive no 24º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes), a grande maioria dos estudantes oradores, antes de iniciar sua fala se identificavam: "eu sou marxista-leninista". Jornais eram queimados e os homens do Poder eram chamados de "Lacaios da Wall Street".

E hoje? Que significa ser marxista-leninista?

Os depredadores mascarados afirmam que destroem fachadas de Bancos e Revendedoras porque são contra o Capitalismo.

Que Capitalismo? O do Banco Central, do FMI (Fundo Monetário Internacional)? O Capitalismo americano, o russo ou o chinês? Se usam as redes sociais para marcar passeatas, por que não aproveitam as mesmas redes para expor seus argumentos?

Estaremos nós diante de novos iluminados que descobriram como colocar o ovo em pé?

Esses jovens precisam ser identificados e classificados. São estudantes secundaristas? São universitários? São sindicalistas? São simples desocupados?

A sociedade brasileira tem de dar voz a eles. E entregar cada um à própria família. Precisam ser detidos sem balas de borracha, sem gás lacrimogênio.

Suas entrevistas devem ser filmadas para que toda a Nação tome conhecimento de suas propostas.

Quem sabe se estamos diante de uma proposta de "Salvação da Pátria"?

Ou estamos diante do estopim de uma desgraceira armada?

Não é difícil aparecer um chefete interesseiro. Não é difícil alguém oferecer armas.

A consequência já sabemos. Jovens mortos, jovens desaparecidos e pais acusando as autoridades e exigindo justiça

As eleições vêm aí. Vamos deixar que os mascarados quebrem as urnas?

Abigayl Lea da Silva

Lorena tem novo Bispo

No dia 25 de setembro, o Papa Francisco aceitou o pedido de renúncia de Dom Benedito Beni dos Santos à Diocese de Lorena. Foi nomeado, na mesma data, o novo Bispo – Frei João Inácio Muller, Ministro Provincial da Ordem dos Frades Menores, em Porto Alegre. Temos um Papa inaciano que escolheu o nome Francisco e um Bispo franciscano chamado Inácio. Inácio nos inspira uma Igreja Missionária, Francisco uma Igreja pobre e dos pobres. Dom Beni exerceu o ministério episcopal em Lorena por quase oito anos. Criou novas paróquias tornando a Igreja mais presente e organizada nas periferias da Diocese. Construiu o Seminário Diocesano e o Centro Diocesano de Pastoral, obras de vital importância para nossa Igreja. Foi um bom Bispo: homem sincero, honrado, honesto e discreto; atento às questões internas da Igreja e à salvaguarda da ortodoxia. A meu ver, o pastoreio de Dom Beni foi muito alinhado e fiel ao Pontificado de nosso querido Bento XVI, grande teólogo que muito se esforçou em tornar a Igreja mais coesa pela rigidez doutrinária e o rigor teológico, num mundo cada vez mais flexível e plural no pensar e na moral. A busca em manter inalterados os antigos valores cristãos numa sociedade cada vez mais secularizada foi a mais marcante característica do Pontificado de Bento XVI. Não queria uma Igreja grande mas uma Igreja santa e fiel às tradições, uma opção muito corajosa. O Papa Francisco também deseja uma Igreja santa, mas parece ter um olhar um pouco diferente. Tenho lido seus discursos e acompanhado diariamente suas homilias. Para Francisco, a Igreja só terá lugar no mundo atual se for pobre e votada aos pobres, se estiver próxima das pessoas, sobretudo das que se encontram nas periferias do mundo e da vida. Francisco não é um homem da academia, da reflexão teológica. Vem da pastoral de um país de terceiro mundo, ou do fim do mundo, como disse no dia de sua eleição. Há um novo tempo na Igreja, talvez um novo paradigma. Na festa de Pentecostes, Francisco disse querer uma Igreja aberta ao encontro com todos, sem medo. Esse deve ser o tom de seu Pontificado. Num encontro com novos bispos, ocorrido na Sala Clementina do Palácio Apostólico, no dia 19/09, o Santo Padre indicou aos presentes o caminho que deve ser assumido pelo episcopado da Igreja. Os bispos devem caminhar junto com o rebanho, partilhar as alegrias e as esperanças, dificuldades e sofrimentos, como irmãos, e ainda mais como pais. Serem capazes de escutar, compreender, ajudar, orientar. O caminhar junto requer amor, disse Francisco. Os bispos devem ser próximos especialmente dos sacerdotes e terem afeto por eles. Não podem, porém, pastorear apenas os sacerdotes; devem estar próximos também do povo. Os bispos ouviram do Papa: sede pastores com o cheiro das ovelhas, presentes em meio ao vosso povo como Jesus, o Bom Pastor. A vossa presença não é secundária, é indispensável. A presença! O próprio povo a pede, deseja ver o próprio bispo caminhar com ele, ser próximo a ele. Disso há necessidade para viver e respirar! Não vos fecheis! Descei em meio aos vossos irmãos, também nas periferias de vossas dioceses e em todas aquelas "periferias existenciais", onde há sofrimento, solidão, degradação humana. Presença pastoral significa caminhar com o Povo de Deus. Disse ainda o Santo Padre: "o estilo de serviço ao rebanho seja aquele da humildade, diria também, o da austeridade e do essencial. Por favor, nós Pastores não somos homens com a "psicologia dos príncipes" – por favor –, homens ambiciosos, que são esposos dessa Igreja, na espera de uma outra mais bela e mais rica. Estejam bem atentos para não cair no espírito do carreirismo! É um câncer isso!" O Papa terminou dizendo que os bispos devem permanecer nas dioceses, embora tenham que ser solícitos com as necessidades da Igreja Universal e algumas vezes tenham que se ausentar. O ideal é que estejam sempre juntos aos seus rebanhos. "Vede, a residência não é uma exigência somente para uma boa organização, não é um elemento funcional; há uma raiz teológica! Sois esposos de vossa comunidade, ligados profundamente a ela! Vos peço o favor de permanecer em meio ao vosso povo. Permanecer! Evitai o escândalo de serdes "Bispos de aeroporto"! Sede pastores acolhedores, em caminho com o vosso povo."

Grande é a exigência do ministério episcopal; que o Espírito Santo ilumine e dê forças ao Frei João Inácio Muller, para que seja um bom pastor para nossa Diocese. Que Deus retribua a Dom Beni os anos de dedicação à frente de nossa Igreja e que ele continue muitos anos conosco como Bispo Emérito a serviço do povo de Deus.

Pe. Fabrício Beckmann

O Centenário da Paróquia de São Miguel

1888 / 1988

Uma festa que ficou na memória da comunidade católica de Piquete foi a do Centenário de Criação da Paróquia de São Miguel, ocorrida em outubro de 1988.

Foi com justificada alegria que os cem anos de evangelização e de atividades apostólicas em terras piquetenses foram festejados pelos paroquianos, que se manifestaram em ação de graças por todos os benefícios recebidos de Deus pela intercessão do padroeiro São Miguel. Durante os eventos, não foram esquecidos os sacerdotes, religiosos e leigos que, desde a implantação da Paróquia, em 1888, e nos anos subsequentes, foram os construtores das vigas mestras desse importante edifício que, apesar de inúmeras dificuldades, resistira e completava cem anos.

Para esse centenário foi constituída uma comissão de festas formada por membros de tradicionais famílias piquetenses. Durante todo o ano a comissão trabalhou no planejamento, na organização, na captação de recursos e na execução de diversas tarefas: rifas, leilões de gado e quermesses. A população foi mobilizada. O ponto alto dos festejos aconteceu no mês de outubro. A abertura oficial se deu no domingo, dia 23, às dez horas, com Missa na Matriz de São Miguel, seguida pela abertura de uma exposição, no Salão Paroquial, de objetos históricos e de obras de artistas piquetenses. Às 18 horas, na Antiga Matriz, houve reza do terço, ladainha cantada e bênção do Santíssimo, seguidos de missa concelebrada em latim, presidida pelo padre Severino Cícero. Na ocasião, o Coral Santa Cecília entoou a "Missa de Angelis", uma joia do canto gregoriano. A seguir, na praça Leonor Guimarães, com o velho coreto restituído e com barracas típicas, como nos velhos tempos, uma animada noite de folclore.

Durante a semana, todas as noites missas concelebradas por ex-padres da Paróquia de São Miguel: Cônego João Marcondes Guimarães, padre em 1934; Monsenhor Oswaldo de Barros Bindão, vigário de 1935 a 1937; D. João Hipólito de Morais, bispo diocesano e ex-vigário de Piquete em 1952; padre Alexandre Pereira da Silva, nosso vigário de 1974 a 1981; padre Cipriano Ramos Filho; D. Aloysio José Leal Pena, piquetense, Bispo Auxiliar de Bauru. Em todas as missas, o tradicional Coral Santa Cecília, sob a regência de Luís Vieira Soares, entoou antigos hinos relembrando o passado da Paróquia na velha matriz da cidade. Todas as noites, na praça da Matriz, uma atração diferente: o Grupo Seresta, sob a direção do Toninho Piraí; o Grupo Sambar, sob a direção de Gilberto Augusto da Silva; a Banda do 5º BPM de Taubaté; o Coral da Matriz de Santo Antônio, de Guaratinguetá; a Orquestra de Sopro "Anacleto de Medeiros", do Rio de Janeiro, sob a regência do piquetense Luís Viana.

No dia 30, quando do encerramento, a zero hora, houve o anúncio do" Dia do Centenário", com repique dos sinos da Matriz e de todas as capelas. Na praça da Matriz, queima de fogos, enquanto o maestro Luís Viana com sua orquestra completava a cena, apoteoticamente. Às dez horas, a missa solene, presidida por D. João Hipólito de Morais, foi concelebrada por ex-bispos da diocese, ex-vigários da Paróquia, sacerdotes piquetenses e contou com a presença de religiosas piquetenses ou que por aqui passaram. O Coral Santa Cecília entoou a peça sacra "Messa Madonna Immacolata", de Giovanni Pigani. Ao meio dia, no Montanhês Club ocorreu a tão esperada confraternização de paroquianos e ex-paroquianos, muitos vindos de lugares distantes. As 18 horas, na Matriz de São Miguel e Almas, foi cantado o "Te Deum", em Ação de Graças, seguido de procissão com a imagem de São Miguel, padroeiro de Piquete, com destino à Matriz. O encerramento das festas se deu às 19 horas, com missa concelebrada presidida por D. Antônio Afonso de Miranda, bispo de Taubaté, ex-bispo de Lorena. O Coral cantou a "Missa de Santa Cecilia", de C. Jaspen. Após a missa, houve, na praça, apresentação do Coral da Escola "Maestro Fêgo Camargo", de Taubaté, sob a regência de Neide Áureo Soares. Por fim, nova queima de fogos.

Os festejos do Centenário de Paroquia de São Miguel repercutiram positivamente em Piquete e na região. O vigário na época, padre Luís Carlos Corrêa, bem como os paroquianos, ficaram muito satisfeitos e impressionados com o trabalho da comissão organizadora, a quem se atribuiu o sucesso daquela empreitada. ***AC***

O Centenário em imagens

Todos os eventos do Centenário foram registrados por Dogmar Brasilino. Na sequência abaixo, excetuando-se a imagem que a inicia, que retrata o padre Francisco Filippo, primeiro pároco de Piquete, em todas as demais Dogmar eternizou momentos muito significativos para os piquetenses.

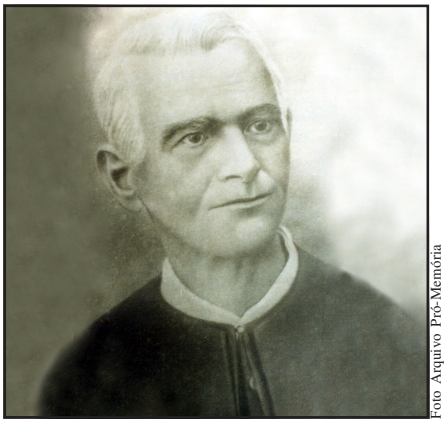


Foto Arquivo Pró-Memória

Fotos Dogmar Brasilino